

## **REMATE DE MALES**

Campinas-SP, (33.1-2): pp. 295-297, Jan./Dez. 2013

---

**Maria Eugenia Boaventura**

boaventu@unicamp.br

FARINACCIO, Pascoal. *Oswald Glauber*. Arte povo revolução. Niterói: Editora da UFF, 2012.

A comparação entre o escritor Oswald de Andrade e o cineasta Glauber Rocha tem sido constante na crítica literária, embora faltem ainda a análise pontual da produção de cada um e a explicitação dos pontos de proximidade entre eles: por exemplo, em que obra ocorre este diálogo e como isto se verifica.

O pequeno ensaio *Oswald Glauber: arte, povo, revolução* (2012) de Pascoal Farinaccio, professor da Universidade Federal Fluminense, consegue superar as dificuldades inerentes a um tipo de trabalho como este, atentando sobretudo para a especificidade dos textos escolhidos e do momento histórico de sua invenção. Está estruturado em quatro capítulos e uma introdução onde apresenta os pressupostos teóricos de apoio a sua investigação. Esta se debruça apenas sobre as matrizes estético-ideológicas dos dois artistas. A limitação do foco, a abordagem em separado dos autores, talvez tenha sido a chave para o bom termo deste livro. Outro elemento a favor foi a escolha de um núcleo restrito de textos e filmes. No caso do modernista, optou por *Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Serafim Ponte Grande*, *Poesia Pau brasil*. De Glauber, selecionou *Barravento*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*.

A explicação dada para essas escolhas está na tensão entre pensamento crítico e arranjo formal, resultando em soluções criativas conflitantes e contraditórias, comparando essas obras e o exercício teórico desses artistas. Além disso, nessa produção as formulações ingênuas dos manifestos estão nuançadas.

A argumentação analítica acontece em torno de três pontos recorrentes em Oswald e Glauber e que são o assunto de cada capítulo: arte, povo e revolução. No primeiro – “Por uma arte experimental” – Pascoal esmiuça os procedimentos linguísticos e fílmicos responsáveis pela prática e defesa de uma linguagem inventiva, experimental. Fiquei com vontade de ver ampliadas as análises dos dois romances e da poesia onde o crítico ensaia agudas observações. Explica por que para o modernista e o criador do cinema novo não havia a menor possibilidade de empreender a revolução social sem o pacto com a transformação da linguagem e ainda denunciam os preconceitos e a aversão alimentados por revolucionários supostamente de esquerda em cima do experimentalismo artístico. Mostra como a ideia de país novo, tanto no poeta como no cineasta, abre caminhos contraditórios: de um lado, sinaliza a falta de tradições culturais e industriais, do outro, pode proporcionar a “era de construção”, anunciada nos manifestos de ambos. Esta cantilena de país novo e a obsessão do início tornaram-se crença generalizada no Modernismo e marcas também da formação autoritária e patriarcal do intelectual brasileiro, sendo revistas nos textos de maturidade. Oswald e Glauber perceberam a oportunidade de extrair da precariedade local força e argumentos para inventar: “os casebres de açafreão e de ocre nos verdes da Favela, sob azul cabralino, são fatos estéticos” e na “Estética da violência”: a fome como tema aliada à pobreza dos recursos técnicos. Faltou, no meu modo de ver, um paralelo entre a experiência radical desta linguagem cinematográfica, a não menos revolucionária narrativa de *Serafim* e a configuração ousada do *Pau-brasil*.

No segundo capítulo – “Visões do povo brasileiro” – o crítico comenta como os dois intelectuais compreenderam e construíram uma visão particular do povo. Visão esta mostrada ora de modo esperançoso, ora desapontado. Quando o otimismo surge em relação ao papel do povo na revolução, esta será sempre liderada pelos intelectuais. Postura conservadora própria contraditoriamente a muitos criadores da vanguarda ou clássicos do porte de T. S. Eliot em *Notes towards the definition of cultura* (Faber and Faber, 1948). A mesma dicotomia vale para o entendimento do país que, apesar do seu potencial, não consegue deslanchar. Talvez o crítico pudesse atenuar a avaliação do ponto de vista altaneiro e distante do poeta, orientada pela análise de Roberto Schwarz, do poema “Aperitivo”, sobre a representação do povo no *Pau-brasil*. “Do alto, em maravilhosas fulgurações poéticas” parece ser uma tirada generalizante, pensando em poemas do porte de “Fazenda Antiga”, “Negro fugido”, “Medo da Senhora”, “Levante,” “A roça” “Azourraque” e muitos outros.

“Arte revolucionária no país das fracassadas revoluções”, o terceiro capítulo, gira em torno da miragem de revolução produzida e ao mesmo tempo do reconhecimento da impossibilidade de sua realização. O ensaio se concentra neste momento no conjunto de textos críticos e teóricos dos dois autores. Observamos a gritante atualidade dos dois intelectuais no desenho traçado do país. De um lado, num registro positivo e otimista: o povo descompromissado com qualquer fantasma ancestral determina a singularidade local e será responsável pelo seu destino, ao contrário da anunciada incompetência cósmica do *Serafim*. De outro, a noção da maior importância do homem em contraposição à lei, persistente ainda hoje. Não nos esqueçamos a atitude paternalista e personalista, onde o interesse privado confunde-se com o público, dominando a vida política brasileira.

Farinaccio adapta o diagnóstico de José Miguel Wisnick em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (SP, Companhia das Letras, 2008) sobre a “malandragem carnavalizante” e a “marginalidade terrífica confundida com a ordem”, em permanente conluio no sistema sociopolítico brasileiro, representadas na arte de Oswald e de Glauber. Adaptação esta que também, a meu juízo, poderia ser aprofundada. E mais, esmiuça como a Antropofagia – enquanto categoria para pensar os destinos da humanidade –, é reaproveitada pelo cineasta na “Estética do sonho”, ao hostilizar o racionalismo colonizador e agenciar o primitivo como arma de choque contra opressões. Aproxima-os também a proposta de uma arte mágica a fim de iluminar o cotidiano.

Na última parte, Pascoal amarra os pressupostos analíticos aplicados à produção tão variada e justifica o recorte fragmentário adotado como uma saída operacional, a fim de melhor enfatizar o parentesco dos dois artistas e o tema central do ensaio – a concepção inusitada de revolução e o desejo de compreender o Brasil, de dois ícones do século XX. Este livro certamente enriquece a fortuna crítica deles.

